

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA LINGÜÍSTICA APLICADA E DO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Maria Bernadete Fernandes OLIVEIRA (UFRN)

RESUMO: *Compreendendo a Lingüística Aplicada como uma área de produção de conhecimentos que diz respeito às práticas discursivas que são produzidas na sociedade, este artigo discute a investigação que vem sendo realizada nesse campo do conhecimento, em relação ao ensino da língua materna. A reflexão parte de locais específicos de produção do conhecimento tais como Revistas especializadas, Páginas de Associações e Anais de Congressos. Sugerimos uma agenda de pesquisa que considere como momento histórico a contemporaneidade em que vivemos e suas transformações sociais, buscando responder aos problemas concretos postos pela vida social nos quais a linguagem desempenha papel relevante.*

PALAVRAS-CHAVE: *produção do conhecimento; contemporaneidade, lingüística aplicada*

ABSTRACT: *Considering that Applied Linguistics concerns to knowledge in respect to language use as a social practice, this paper aims to discuss researches in this área referring to language teaching. Our reflection comes from some specialized journals, association homepages, among several others. At the end, we suggest that the research on language teaching has to consider the situational context of our times, its changes, trying to give answers to concrete problems which arise from social life in that language plays an important role.*

KEY-WORDS: *knowledge production; contemporaneity; applied linguistics*

1. Introdução

O objetivo desse nosso artigo é o de refletir sobre a Lingüística Aplicada hoje e sua contribuição ao ensino da língua materna, a partir de uma dada compreensão do que significa produzir conhecimentos nesse campo de estudos. Partimos do ponto de vista de que a Lingüística Aplicada não é uma aplicação de teorias lingüísticas visando o aprimoramento de técnicas ou metodologias de sala de aula ou mesmo propostas de como ensinar uma língua, interesse mais pertinente a uma Didática de Línguas, e sim “...o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos...” (Signorini, 1998:101). Por outro lado, a contemporaneidade a que nos referimos diz respeito às sociedades do século XX, principalmente, em sua segunda metade e início do século XXI, sociedades estas, que atravessaram e atravessam modificações gigantescas, em um ritmo cada vez mais acelerado e, que, sob a influência da revolução tecnológica e da mídia, ganha os títulos de “sociedade do conhecimento” e de “sociedade do espetáculo”.

Esta sociedade contemporânea, globalizada, é uma sociedade sem fronteiras marcadas, que ao mesmo tempo em que faz avançar grandes áreas relacionadas à vida dos seres humanos, como por exemplo, os avanços dos estudos genéticos, as descobertas de medicamentos e a disseminação de uso da Internet, permitindo virtualmente o acesso “ao outro lado do mundo” em tempo real, paradoxalmente, contudo, essa sociedade assume sua natureza cada vez mais excludente, excluindo não só com relação ao mundo do trabalho mas também deixando à margem aqueles que não acessam o mundo do simbólico.

Uma das suas características fundamental é a compressão do espaço/tempo, que implica em mudanças constantes, mas também é responsável pelas incertezas e pelas inseguranças. Essa idéia, a da compressão espaço/tempo, consubstancia o pensamento de Bauman (2001), ao definir a fluidez da contemporaneidade, por analogia com a qualidade de líquidos e gases que não suportam força tangencial quando imóveis e que, quando submetidos à tensão, alteram suas formas, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Uma sociedade que assume um modo de funcionamento, de existência que ao mesmo tempo une e divide, que inclui e exclui, que possibilita o hibridismo e o fundamentalismo (BAUMAN, 1999).

Nesse artigo objetivamos discutir perspectivas para a produção do conhecimento na LA, com relação ao ensino da língua materna hoje, nessa e para essa sociedade. Primeiramente, fazemos uma contextualização da LA em sua relação face à escola, em seguida, apresentamos uma panorâmica da produção do conhecimento na área de estudos da língua materna e, por fim, a partir de uma compreensão da LA como “*transgressora*” (MOITA LOPES, 2006), ousamos sugerir idéias para uma agenda de investigações que contemple os desafios dessa sociedade em mudança.

2. A contextualização da discussão : LA, sociedade e escola

Ao surgir, na década de 50 do século XX, a LA era compreendida como uma sub-área da Lingüística Teórica, cuja atividade principal seria a de aplicar aos processos de ensino e aprendizagem de línguas, principalmente de línguas estrangeiras, conhecimentos sobre as línguas, produzidos pela Lingüística Teórica, mais especificamente aqueles provenientes das concepções de linguagem estruturalistas e gerativistas.

Ao final dos anos 80 e início dos anos 90, alguns pesquisadores trazem à cena o debate sobre a natureza e o significado do que seria a Lingüística Aplicada (CELANI, 1992; SIGNORINI e CAVALCANTI, 1998; MOITA LOPES, 1990, 1994, 1996; PENNYCOOK, 1998). A idéia, que começa a ser defendida, é que a produção de conhecimentos nessa área passa a assumir fronteiras interdisciplinares e transdisciplinares, nesse percurso, deixando de ser uma sub-área da Lingüística e constituindo-se como campo de investigação autônomo. Hoje, podemos, seguramente, dizer que a Lingüística Aplicada desvincula-se cada vez mais da rotulação de ser apenas uma área de aplicação de modelos teóricos da Lingüística ao mesmo tempo em que ultrapassa a idéia de que a produção do conhecimento nessa área limitar-se-ia a objetos que digam respeito ao processo de ensino e aprendizagem de línguas. Dessa forma, a LA tem ampliado seus horizontes para além do ensino de línguas, da sala de aula e da formação de professores.

Estamos falando da LA como uma área de produção de conhecimentos que pretende assumir como objeto de estudo privilegiado a linguagem verbal em uso em práticas sociais que se realizam em contextos institucionais demarcados, nas esferas públicas e privadas, em universos discursivos, os mais diversos. Um modo de produzir conhecimentos de natureza inter/transdisciplinar e que objetiva problematizar e compreender questões de linguagem que

respondam a necessidade da sociedade contemporânea. Na verdade, aqueles que defendem essa posição caracterizam essa LA como *transgressora*, ou seja, produzindo outros modos de pensar e que não desconheça as questões de poder e da ética. Em outras palavras, uma LA que se compromete com a produção de conhecimentos que tragam benefícios para os seres humanos, orientando-se para compreender as singularidades, eventos e sujeitos, os quais, na vida social, sempre ficaram à margem do canônico, do estabelecido. Uma LA, portanto, preocupada com a produção de conhecimentos que colabore com as “vozes do Norte do Norte”, parodiando a metáfora do sofrimento humano formulada por Boaventura Santos (2004), reconhecendo no Norte aquilo que é e aquilo que não é produto do Império (NEGRI e HARDT, 2001).

Contudo, como lembra Canclini (1995), adotar a perspectiva dos oprimidos, das minorias, dos excluídos, funciona como etapa para gerar questões na pesquisa que desafiem os saberes constituídos, tornando visíveis campos “descuidados” pelo conhecimento hegemônico. Mas, diz ele, isso se processa na perspectiva não de representar a voz dos silenciados, assumindo o lugar deles, mas entendendo e nomeando os lugares em que suas questões ou sua vida cotidiana entram em conflito com outras ou, como diz Bakhtin, ter a clareza de que a compreensão da cultura do outro, ou seja, a possibilidade de olhar para o outro a partir de sua subjetividade, “...*é um elemento indispensável no processo de sua compreensão; entretanto, se a compreensão se esgotasse apenas nesse momento, ela seria uma simples dublagem e não traria consigo nada de novo e enriquecedor...*”(BAKHTIN, 2003b:365).

Para Moita Lopes (2006), essa LA deverá dizer algo sobre a vida contemporânea, repensando o seu sujeito de estudo, no caso da escola, por exemplo, seria imprescindível a compreensão de que os alunos e professores, sujeitos a quem se destina a maioria das pesquisas e muitas vezes, são eles próprios sujeitos dessa pesquisa, têm corpo, etnia, raça, gênero, classe social. Em resumo, estudos que visem as minorias ou as maiorias tratadas como minorias como

tão bem aponta Cavalcanti, (2006), criando condições para que a LA escape do destino daquela modernidade que fez do homem e do mundo objetos, que esquadrinhou, dissecou, mensurou, apresentando suas descrições “...aos homens crédulos e atônitos que, sentados nos sofás, tomaram conhecimento do fantástico reduzido a fórmulas e explicações. Já não havia mais segredos. Fez-se o show da ciência: leis universais, objetivas: futuro desvendado...” (GERALDI, 2003(a): 252)

Vou tentar dizer da pesquisa na LA em sua relação com o ensino da língua materna, a partir de sua contribuição a construção de um cidadão/consumidor, que se posicione face a um “mercado de opiniões cidadãos/ou não (Canclini, 1995). Em outras palavras, pesquisas que orientem o processo de formação/construção de docentes e formação/construção de leitores e produtores de texto na escola que venham a possibilitar o exercício de “seleção de opiniões cidadãos”.

Pensamos portanto que a pesquisa na LA , no campo da escola, repetimos, tem o compromisso com a produção de conhecimentos que oriente a formação/construção de docentes, de alunos leitores e escritores, a partir do entendimento que Ler e Escrever são práticas sociais necessárias à entrada, à inclusão mesmo, na sociedade contemporânea. Ou seja, os acessos aos bens simbólicos e ao seu uso colocam-se como uma necessidade para mediar os processos inclusivos, em uma sociedade que, cada vez mais impõe uma lógica da exclusão, deixando uma grande maioria à margem, fora do limites de qualquer fronteira.

É para tal sociedade, assim caracterizada que deveríamos, a meu ver, pensar a responsabilidade da escola, como lugar primordial de aquisição, construção e constituição de conhecimentos, orientadores de práticas, cuja premissa primeira seria aquela de introduzir os educandos no contexto do debate ético, plural, fomentando processos de ensino e aprendizagem, que levem à construção do sujeito crítico, reflexivo, autônomo. Para tanto, pensamos, a escola necessita desvencilhar-se de uma outra característica, tão presente na sociedade contemporânea, que é a fragmentação, a disjunção, o fato de pensar dicotomicamente e estar sempre escolhendo entre ou isso

ou aquilo, investindo, ao contrário, no complexo, em processos que envolvam isso e aquilo (MORIN, 1986). Pensar uma relação entre escola e produção e circulação de conhecimento de uma forma propositiva significa começar a tentar percorrer novos caminhos, assumindo a responsabilidade de avançar na discussão teórica e prática sobre a responsabilidade da escola com o mundo dos signos, no caso, mais especificamente, com os signos verbais, como uma forma de contribuir para o processo dessa cidadania inclusiva. Ou seja, continuar a luta contra o fracasso escolar de outras formas, não apenas através de denúncias ou diagnósticos, mas avançando na direção de contribuir para uma escola de sucesso. Uma dessa lutas, a nosso ver, passa exatamente por tentar reduzir a desigualdade face aos saberes, caminhando na direção da produção e circulação de conhecimentos, que objetivem intervir diretamente, através de nossas práticas docentes, na reversão da tendência excludente, hegemônica na sociedade contemporânea, e por consequência nas instituições que a compõem. Trabalhar no sentido de resistir a esse processo, parece-nos ser um dos desafios nos quais se deva investir, desafio esse que passa, a nosso ver, pela necessidade de “conferir sentidos” à cultura escolar, aqui pensada como aquela que incorpora conhecimentos diferenciados e múltiplos, desde aqueles provenientes da ciência até os saberes inventivos do cotidiano (DE CERTEAU, 1994) e, entendendo “sentido” conforme Bakhtin quando diz que “...chamo sentido ao que é resposta a uma pergunta. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido...” (BAKHTIN, 1992:386). Este o pano de fundo, no qual entendemos deva-se centrar a discussão hoje sobre a contribuição da LA ao processo de ensino e aprendizagem da língua materna.

3. A LA , a pesquisa sobre o Ensino da Língua Materna e sobre a formação de professores

A compreensão de LA como área independente começa a ganhar espaço na última década do século passado e no milênio que se inicia, esse fato evidencia-se em um olhar ainda que rápido sobre os títulos/temáticas dos últimos CBLAs- Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada- , INPLAs – Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada -; e Reuniões da ANPOLL- Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. No caso do CBLA, por exemplo, o Congresso de 2001 teve como título temático “A linguagem como prática social”; em 2004 “Linguística Aplicada e Contemporaneidade” e em 2007 “ Contextos Brasileiros de Pesquisa aplicada no âmbito da Linguagem”. Alguns dos últimos simpósios do INPLA, por sua vez, apresentam os seguintes títulos, “ As Interlocuções na LA”(2002), “Metodologia da Pesquisa em LA(2003)”, “ Linguagem e Inserção e Cidadania” (2004) e “ Linguagem:Desafios e Posicionamentos” em (2005). A ANPOLL, em seu Encontro de 2002, teve em sua Conferência de Abertura o tema “ A construção do conhecimento nas humanidades diante da globalização”, em 2004 , esse encontro científico discutiu “ Ciência para o Brasil na área de Letras e de Linguística” e , em 2006, debruçou-se sobre “Domínios do saber:histórias, instituições e práticas”.

Esses temas por si só apontam para as problemáticas que atravessam hoje não apenas a produção do conhecimento no âmbito da LA, como também, diria tem um alcance mais amplo estendendo-se mesmo para a produção do conhecimento nas ciências humanas. No caso específico da LA este posto o desafio de enfrentar o estudo da linguagem como uma prática social, o que implica em ir além, em seu objeto de estudo, da língua em si. Explicitando diríamos que o avanço proposto para a LA caminha direção de uma produção de conhecimentos que busque compreender os usos sociais que se fazem da língua, o que por um lado explica a ampliação dos espaços de pesquisa para outros contextos e outras temáticas , tais como as interações em contextos de trabalho, políticas linguísticas, questões identitárias, questões da tradução, linguagem e tecnologia, entre outras, embora em nenhum caso, em nosso entendimento, dispensa sua ancoragem em uma concepção de linguagem .

Voltando ao tópico anterior, podemos afirmar, certamente, que uma das práticas sociais com a qual a LA tem laços afetivos e indissolúveis, genéticos até, é o processo de ensino de línguas, no seu sentido ampliado, ou seja, que incorpore a preocupação com a formação de professores. E, nossa intenção é de lançar um olhar retrospectivo sobre as temáticas que se constituem como objeto de estudo na pesquisa em LA, nessa área, sem nenhuma pretensão de exauri-las.

Primeiramente, tentando responder a questão, onde se produz o conhecimento na LA e onde se divulga essa produção, diríamos que as fontes de produção do conhecimento em LA encontram-se prioritariamente nas dissertações e teses de Mestrado e Doutorado, apresentadas nos Programas de Pós-Graduação, e na produção dos grupos de pesquisa que, em geral, também se constituem em torno dos programas de Pós-Graduação . Essa produção, geralmente, circula em revistas especializadas da área, entre as quais podemos mencionar Trabalhos em Lingüística Aplicada(Unicamp), Intercâmbio e The Specialist(PUC-SP), Linguagem e Ensino (UCPEL), Revista Brasileira de Lingüística Aplicada (ALAB), livros de autoria única ou organizados por um ou mais autores e nas apresentações realizadas por ocasião de Congressos da área, sob as mais diversas formas, tais como Conferências, Mesas-Redondas, Comunicações etc. Entre os Congressos Científicos, entre os quais alguns específicos da Área, podemos citar o CBLA –Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada- , que se realiza a cada três anos, o INPLA, - Intercâmbio de Pesquisas em LA- PUC/SP- realizando-se anualmente; e o GT de Lingüística Aplicada da ANPOLL, que se reúne a cada dois anos, nas reuniões científicas da ANPOLL- Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística-, contando hoje, com três sub-grupos, Formação de Professores, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Teorias dos Gêneros. Internacionalmente, a cada três anos realiza-se ainda o Congresso da AILA – Associação Internacional da Lingüística Aplicada.

Um levantamento, ainda que não exaustivo, pelas razões que já citamos acima, sobre temáticas privilegiadas na pesquisa da LA com relação ao ensino da língua materna, tomando como base empírica, um breve olhar sobre o GT de LA da ANPOLL, e sobre algumas revistas especializadas, nos últimos quinze anos, ou seja, dos anos 90 até os dias de hoje, permitem-nos afirmar que, no anos 90, as temáticas presentes nas pesquisas da LA com relação ao ensino da língua materna, centravam-se em torno de : - investigações de como se realizava o ensino da leitura, da produção textual e da gramática, em sala de aula, com uma alta incidência de pesquisas voltadas para as classes da alfabetização e para o ensino fundamental; - investigações que exploravam as relações entre língua falada e língua escrita; e, um outro grande espaço era ocupado pelas pesquisas que tratavam do discurso da sala de aula, em aspectos diversos, isto é estudos que focalizavam o uso da língua em sala de aula, os processos interacionais entre professor e aluno, com ênfase nas relações de poder em sala de aula, tratadas à época como relações simétricas e assimétricas e nas estratégias discursivas do professor. Nesse sentido, são emblemáticos os textos apresentados nas reuniões do GT – Linguística Aplicada da ANPOLL, nos anos de 1990 (Recife), 1992 (Porto Alegre), 1994 (Brasília), 1996 (João Pessoa).

A partir de 1998, no Encontro da ANPOLL realizado em Campinas, as temáticas anteriormente citadas continuam a marcar presença, começando contudo a emergir duas outras igualmente importantes, que aos poucos começam a conquistar seu espaço, qual seja a discussão sobre gêneros do discurso e a formação de professores. A quantidade de estudos sobre a língua escrita aponta para a preocupação dos pesquisadores com o ensino dessa modalidade de língua, transitando as investigações por problemáticas que dizem respeito à produção e à compreensão textual em diferentes gêneros discursivos, aos fundamentos da relação oralidade e escritura, passando por pesquisas que apontam para os sucessos da revisão colaborativa de textos de alunos e ainda por aqueles estudos que exploram a capacidade argumentativa de alunos do ensino médio. Em todas essas

pesquisas subjaz uma concepção de linguagem ora como texto, ora como discurso, ou no dizer de Bakhtin(2003a), pesquisas que exploram a língua do pólo da oração ou do pólo do enunciado. A maioria dessas pesquisas é informada por conhecimentos advindos da psicologia cognitiva, do sócio-interacionismo, dos modelos sócio-históricos, da Lingüística Textual, afastando-se de pesquisas que tratam especificamente da metodologia e da didática do ensino de línguas, campo de estudos muito mais próximo das pesquisas realizadas na área da Educação.

No campo específico dos estudos sobre o ensino da gramática, as pesquisas, em sua maioria, ancoradas em teorias funcionalistas, apontam uma outra possibilidade de se compreender o ensino da gramática, a partir de um outro olhar sobre o processo de mudança lingüística, não mais considerado do ponto de vista prescritivo ou normativo.

Em 2000, após o desmembramento do GT LA da ANPOLL, em três sub-grupos, quais sejam “Formação de Professores”, “Ensino e Aprendizagem de Línguas” e “Teorias de Gêneros”, consolidados a partir da Reunião da ANPOLL realizada em Niterói, crescem as pesquisas sobre a Formação de Professores, marcadamente objetivando o estudo da “formação continuada” e do “treinamento em serviço” (estágio supervisionado), predominando as metodologias da pesquisa colaborativa e pesquisa-ação, realizadas a partir da sala de aula. Ganha também outra dimensão, os estudos sobre gêneros discursivos, em várias de suas vertentes, nas quais se sobressaem os estudos da escola genebrina, cuja influência atravessa muitos dos trabalhos produzidos na pós-graduação da PUC/SP, além daqueles que privilegiam outras informações teóricas como os conceitos de gênero de Bathia, Swales, que informam grande parte das investigações sobre gêneros realizadas nos grupos de pesquisas situados no sul do País, com destaque para aqueles vinculados às Universidades Federais de Santa Catarina e de Pelotas. Para maiores informações sobre a pesquisa

nessa área, recomendamos consultar Rojo (2001);Dionísio, Machado e Bezerra (2002) e Meurer, Mota-Roth e Bonini (2005).

No congresso de Maceió, em 2004, uma outra área de pesquisa desponta e a mesa-redonda “ Novas tecnologias e novas pedagogias na LA” é sintomática desse campo de estudo, que juntamente com os estudos sobre gêneros do discurso, formação do professor reflexivo hegemonomizam e direcionam os estudos sobre o processo ensino e aprendizagem de línguas. No Congresso seguinte da ANPOLL, realizado em São Paulo (2006), surgem relatos diversos de pesquisas que relacionam as novas tecnologias e o ensino da língua materna, com destaque especial para o impacto da escrita pós- Internet, o uso de e-mails, os blogs, as comunidades de Orkut, entre outras, além do Ensino à Distância que começa a despontar como tema nas pesquisas da área. No campo da Formação de Professores fazem-se presentes pesquisas que começam a tratar da Formação Inicial em sua relação com as grades curriculares, pesquisas que versam sobre a construção de processos identitários desses profissionais, o questionamento sobre suas crenças, suas histórias de vida, continuando, sem dúvidas, aquelas pesquisas que investigam a prática docente dos professores, suas práticas de letramento, a questão dos formadores de formadores, do professor como leitor, enfim surgindo outros desafios nessa área de estudos.

Essa orientação majoritária da pesquisa na LA com relação ao Ensino da Língua Materna não surge no abstrato. Essas pesquisas buscam dar respostas a questões e orientações “locais” , a partir da divulgação e implementação dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio e Fundamental e todos os documentos deles derivados. Os PCNs, desse modo, passaram a ser ponto de partida para pesquisas que tinham como objetivo “incorporar novos olhares sobre a língua”, em síntese, propor que o ensino de línguas fosse orientado também para a língua compreendida como discurso e não apenas como estrutura. Essa questão vem ao encontro do que está proposto nesses documentos, que no caso do Ensino Médio, sugere que o processo de ensino e aprendizagem de

línguas oriente-se para desenvolver, nos alunos, a capacidade de organização cognitiva da realidade e a competência de analisar e interpretar os recursos expressivos das línguas, utilizados nos processos de confrontações de opiniões, de pontos de vistas, contribuindo para a formação de um sujeito dotado de autonomia para perceber, criticar e refletir sobre si mesmo e sobre os outros . Sugere ainda que para atender as competências e habilidades listadas no documento oficial o ensino ancore-se em um entendimento de língua como “...*geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade...fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social...*” portanto uma compreensão de língua que não se limita ao aprendizado e domínio da norma culta. (www.mec.gov.br).

Com relação ao ensino fundamental, essas diretrizes defendem um “ensino por gêneros” e propõem que a língua escrita, nesse nível de ensino, seja estudada e aprendida em seus usos e formas, em seus aspectos discursivos e notacionais, além de ser objeto de análise e reflexão sobre a língua, colocando-se a finalidade da produção de textos como sendo aquela de “...*formar escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes ...*”(www.mec.gov.br), definindo competência como a capacidade de selecionar o gênero no qual o discurso se realizará, de planejar o texto em função de seu objetivo e de seu leitor, e de assumir uma atitude metatextual com seu próprio texto, criando-se condições para que a escola realize seu trabalho educativo de formar cidadãos, que tenham condições de assumir a palavra também na sua modalidade escrita.

Em síntese, um olhar, repetimos, não-exaustivo, sobre o resumo das pesquisas apresentadas no GT- de Lingüística Aplicada, no sub-GT “ Ensino e Aprendizagem de Línguas”, nos últimos encontros da ANPOLL, possibilita apontar alguns direcionamentos e deslocamentos a serem operados:

1- de natureza teórico-metodológico, as pesquisas apontam para a necessidade de que seja dedicado um olhar para a linguagem enquanto uma realidade vivida, envolvendo indivíduos, historicidade, cultura e sociedade, concebendo a relação dos signos com a realidade e não apenas entre signos, conforme a herança lógico-gramatical;

2- da ordem de procedimentos didáticos, sugerem ainda que o ensino caminhe para atividades a serem realizadas com o texto, diferentes daqueles orientados para as estratégias de identificar, reconhecer, classificar os elementos gramaticais, responsáveis pela organização e estruturação do sistema lingüístico.

Dessa forma, sugere a pesquisa que, nas atividades do ensino da língua, considere-se que o ato de produção e compreensão textual, aproxime-se dos atos concretos praticados por sujeitos definidos socialmente, em situações interacionais, que se realizam em espaços públicos e privados. Em outras palavras, os avanços que a pesquisa propõe dizem respeito a um olhar para a língua que oriente o ensino da língua não mais apenas para o domínio da ortografia, da pontuação, das regras de concordância, dos elementos coesivos, mas que levem também em consideração aquilo que até então ficou sempre à margem, ou seja, as propriedades discursivas, interativas e enunciativas, entre as quais a situação de produção do discurso, as interações entre interlocutores e as relações dialógicas entre as diversas vozes presentes no texto, em um entendimento de que a atenção deve ser voltada para a forma do conteúdo e não apenas para a forma do material.

Em outros termos, a pesquisa sugere que introduzir os sujeitos no mundo da escrita, em qualquer de suas formas, do gráfico ao digital, implica em assumir um ponto de vista sobre a língua escrita, isto porque, todo conhecimento, mesmo o científico, é atravessado por valores, por ideologias, que se materializam nos diversos modelos e teorias que constituem as âncoras orientadoras da prática. Desta forma, a visão de que seja “ensinar e aprender a escrever no

espaço escolar”, oscila em função das posições teóricas assumidas e que orientam práticas e atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Ou seja, o significado de introduzir alunos no mundo da escrita depende da concepção de linguagem que lhe está subjacente.

Sem dúvidas que tal ensino exige uma outra formação de professores e, nesse campo, conforme afirmamos anteriormente, a pesquisa tem caminhado em duas direções diferenciadas e complementares. Uma delas diz respeito ao professor como aluno, a outra investiga o professor como docente, duas direções não excludentes, delimitadoras de campos, no caso, formação inicial ou continuada, implicando em caminhos metodológicos diferenciados na exploração de temáticas diversas, até em interfaces com outras ciências, eventualmente, também distintas.

Acompanhando uma tendência global, essas pesquisas surgem em um contexto de crítica aos processos formativos de professores como “transmissores de conteúdos” e, sem sombra de dúvidas, vêm trazendo contribuições valiosas no campo do conhecimento das opções didático-pedagógicas, da atuação em sala de aula, dos processos interativos entre professores e alunos, enfim todo um conhecimento sobre o cotidiano da escola e sobre o desempenho dos docentes, inserindo-se em um paradigma convencionalmente chamado de “epistemologia da prática”. Em síntese, diríamos que essas pesquisas trazem à baila, com toda força, no bojo do questionamento sobre o conhecimento científico, a questão da relação teoria e prática.

Com relação à formação inicial, seja na pesquisa de observação de sala de aula, sejam em entrevistas ou questionários respondidos por professores ou por alunos em processos formativos, seja em análises de grades curriculares, os resultados são unânimes em apontar que os modelos e teorias lingüísticas, cujos conteúdos constituem as bases da concepção de linguagem que subjazem às grades curriculares dos cursos de Licenciatura em Letras, cursos estes nos quais esses profissionais estão sendo formados, ancora-se em um conceito de língua informado preferencialmente por postulados clássicos da Lingüística Moderna. Ou seja, são modelos que

objetivam compreender a língua do ponto de vista de seu modo semiótico de funcionamento, para usar uma terminologia de Benveniste (1989), modo esse, que, didatizado, transforma-se em orientações para o ensino. Esses modelos teóricos têm sido responsáveis pelas orientações para a prática que se traduzem nos moldes tradicionais de ensino da língua, qual seja aquele que privilegia o domínio da norma culta e dos conceitos descritivos da língua.

Em síntese, um olhar sobre a formação de professores para o ensino da língua materna e sobre as práticas de ensino presentes nas salas de aula de língua materna, em sua maioria, até os dias de hoje, evidenciam de forma bastante explícita a filiação teórica subjacente aos processos formativos e ao processo ensino e aprendizagem (OLIVEIRA, 2006). Ou seja, os modelos e teorias lingüísticas, cujos conteúdos constituem as bases da concepção de linguagem que subjazem às grades curriculares dos cursos de Licenciatura em Letras e os dizeres dos professores, quando instados a falar sobre sua formação e sobre os conhecimentos teóricos presentes nas grades curriculares de seus cursos de formação inicial, possibilitam-nos a afirmar que a maioria dos modelos lingüísticos que subsidiam o processo formativo dos docentes para o ensino da língua materna tem como objeto de estudo a língua seja como sistema seja como conjunto de regras. Portanto, são teorias que apenas podem orientar práticas que dêem conta desses aspectos da língua, em sua organização estrutural, no máximo a organização textual estritamente falando. Isto sem fazer referência ao papel importante ainda desempenhado pelas gramáticas de natureza prescritivas, um conjunto de saberes que direciona o ensino para atividades restritas que prescrevem o conhecimento sobre a língua e não o conhecimento sobre o uso da língua.

Relacionada à concepção de linguagem que informa a maioria das grades curriculares das agências formadoras de professores de língua materna, uma outra informação relevante emerge da pesquisa sobre formação de professores, realizada em sala de aula, denunciando

às dificuldades que os professores vem demonstrando na compreensão das teorias lingüísticas que embasam as propostas apresentadas nos PCN e documentos complementares, apesar dos Parâmetros em Ação. Uma das grandes dificuldades, por exemplo, diz respeito ao discernimento do que sejam gêneros discursivos, gêneros textuais, tipos de textos, ou seja, entre teorias enunciativas e discursivas e teorias textuais cognitivas. Essas dificuldades fazem-se presentes no cotidiano dos professores, nas atividades de sala de aula.

Em última instância, a pesquisa sobre formação de professores para o ensino da língua materna, que focaliza sua formação lingüística, aponta para os compromissos seriamente estabelecidos com uma concepção de língua ainda subsidiária de uma Lingüística que, ao se caracterizar em sua neutralidade científica, encerrando-se em sua torre de marfim, deixou de lado seus compromissos com as questões sociais e com as questões da língua que dizem respeito “à vida na terra” (RAJAGOPALAN, 2006).

4. Algumas considerações e sugestões para uma agenda de pesquisa na LA

A ligação estreita e intrínseca e o compromisso da LA com o ensino e com as questões relacionadas à educação saltam aos olhos de qualquer passeio pela produção da área ou pelas linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação. Nosso passeio pela pesquisa na área, tomando como referência a produção de pesquisadores seniors, aponta avanços significativos, no entanto, como diz Pennycook(1998), é necessário que se examine a base ideológica do conhecimento que é produzido nessa área para questionar os “sólidos” nela encrustados derivados das idéias positivistas e

estruturalistas, que muitas vezes ainda subjazem e informam as pesquisas nesse campo do conhecimento. Nesse sentido, problematizar a concepção de linguagem que subjaz às pesquisas sobre o ensino é elemento fundamental, com vistas a analisar se essa concepção está comprometida ou favorece orientações para um ensino da língua que venha a contribuir com a construção do cidadão/consumidor, capaz de selecionar e posicionar-se sobre as vozes alheias, conforme apresentamos no início desse artigo. Pensamos ainda que a produção do conhecimento na LA pode e deve ultrapassar o nível “local”, desenvolvendo-se também no sentido de responder a questões postas pelo “global”, com destaque para os impactos das novas tecnologias na linguagem . Enfim pesquisas que, partindo do entendimento de que os sujeitos se constituem e agem no mundo através do discurso, explorem que língua ensinar para possibilitar a esses sujeitos responder a essas exigências que lhes são postas pela sociedade contemporânea.

Esse tipo de questionamento pode ser exemplificado nas colocações de Schneuwly e Dolz(1999), quando discutem os “gêneros escolares”e, nesse percurso, indagam sobre o lugar do debate como recurso utilizado em sala de aula para desenvolvimento da argumentatividade da língua. Segundo eles, por exemplo, o exercício pode encerrar-se nos limites da exploração das funções argumentativas dos elementos da língua, mas pode apontar para o campo da enunciação e da discursividade, no sentido de reconhecer, nos processos argumentativos, a manifestações das vozes alheias e dos diferentes pontos de vista sobre “ o outro” que no texto são materializados. Para esses autores, é o olhar sobre os gêneros discursivos e as formas de sua utilização em sala de aula que fazem a diferença entre um ensino que contribui para a formação de cidadãos críticos e éticos, respeitosos em relação ao outro ou não.

A questão da língua a ensinar está também diretamente vinculada à formação dos professores e em um olhar sobre a produção de conhecimentos nesse campo percebemos que a maioria da pesquisa está preocupada com orientações para a formação de um professor reflexivo,

que pense sua prática, sua ação docente, no âmbito do que se convencionou chamar de “epistemologia da prática” (OLIVEIRA, 2006). Contudo, parece-me que há a necessidade de avançar na pesquisa que investigue a formação de professores buscando responder a questão, “será que os professores de língua materna estão sendo formados para posicionar-se face às exigências da globalização, agindo como docente que articula o local e o global”? Em seus processos formativos, que práticas discursivas são priorizadas? Apontam essas práticas para um docente nômade, em trânsito? Ou continuam apontando para essências no conjunto de saberes que mobilizam, priorizando conteúdos e práticas fixas, previsíveis que pensam os sujeitos de aprendizagem como homogêneos?

Esses são alguns dos desafios e sugestões para a LA, que se quer transgressora, transdisciplinar, rompendo fronteiras do estabelecido e, para tanto, como diz Bakhtin (2003), deve estar sempre respondendo a algo que disse antes e antecipando-se ao que vai ser dito. No caso, respondendo às questões que se colocam hoje para a produção do conhecimento, no âmbito das Ciências Humanas, a partir de uma compreensão da contemporaneidade e os modos de funcionamento e existência da sociedade e seus impactos nos humanos (BAUMAN 1999; GIDDENS, 1990).

A idéia de pensar uma LA que dê respostas aos desafios da contemporaneidade, com uma agenda voltada para questões que dêem conta de problemáticas não apontadas pela pesquisa canônica, significa olhar para os objetos de estudo da LA, a partir de “outros pontos de vista”, ressignificando esses objetos, por exemplo, pensando a leitura como um movimento de escutar o outro, na direção apontada por Larossa(2000)e Geraldi (2003b) e a sala de aula como espaço para o exercício da construção da cidadania (Oliveira (2003). Significa ainda, avançar na pesquisa das práticas discursivas que venham a possibilitar mecanismos de ruptura com os preconceitos, orientando para o reconhecimento das diferenças, das desigualdades, entendendo ainda que a própria relação com o conhecimento faz parte da tentativa da busca por uma escola de qualidade.

Para finalizar, diríamos, que a nosso ver, a pesquisa realizada no campo da/ na LA com relação ao ensino da língua e a formação do professor teria que dar conta desse novo cenário na sociedade em que vivemos e das transformações que nela se operam e que respondem pelo nome de globalização e das inovações tecnológicas (Kumaravadivelu,2006), em síntese, uma LA comprometida com problemas concretos da vida social e que a linguagem permite e possibilita o estudo, exatamente pelo fato apontado no pensamento bakhtiniano de que como atividade semiótica ela atravessa todas as atividades humanas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. O Problema do Texto. In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo.Martins Fontes. 2003(a)
- Os estudos literários hoje: respostas a uma pergunta da revista *Novi Mir*. In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo.Martins Fontes. 2003(b)
- Apontamentos 1970-1971. In *Estética da Criação Verbal*. São Paulo.Martins Fontes. 1992.
- BAUMAN, Z. *Globalização:as conseqüências humanas*.Rio de Janeiro.Jorge Zahar Editor.1999
- Modernidade Líquida*.Rio de Janeiro.Jorge Zahar Editor.2001
- BENVENISTE, E. “Semiologia da Língua”. In *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, Pontes, 1989.
- CAVALCANTI, M.C. Um olhar metateórico e metametodológico em Lingüística Aplicada:implicações éticas e políticas. In L.P. da Moita Lopes (org)*Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar*.São Paulo.Parábola Editorial.2006
- CELANI, M.A.A Afinal o que é Lingüística Aplicada? In M.S.Z.Paschoal e M.A.A. Celani (orgs) *Lingüística Aplicada : da aplicação da Lingüística à Lingüística transdisciplinar*. São Paulo. EDUC. 1992
- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ. 1995
- CANDLIN, C Notes for a definition of applied linguistics in the 21st century. *AILA Review*, 14. 1999.
- DE CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro.Vozes. 1994
- DIONÍSIO, A; MACHADO,A .R.; BEZERRA, M.A . *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro.Lucerna. 2002
- FARACO, C. A . Pesquisa aplicada em linguagem: alguns desafios para o novo milênio.*DELTA*, 17 (vol.especial). 2001.
- GERALDI, J.W . Depois do show, como encontrar encantamento? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*.n.44. Campinas.2003(a)
- A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade. In G.Rocha e M.Da G. Costa Val (orgs) *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito autor*. Belo Horizonte. Autêntica. 2003(b)
- GIDDENS, A . *The consequences of Modernity*.Cambridge.polite Press. 1990

